



Fig. 1: A estátua da deusa Nginso que será devolvida para o reino de Nos nos Camarões. Foto: Erik Hesmerg. Staatliche Museen zu Berlin / Ethnologisches Museum.

ARTIGO

PODER SUAVE AFRICANO ROUBADO

FRANTHIESCO BALLERINI
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: A África é o berço da humanidade e continente que produziu milhares de obras de arte que, hoje, são admiradas pelo mundo inteiro e comercializadas em museus e leilões ao valor de milhões de dólares. Historicamente, a arte africana fortalece o poder suave de instituições culturais dos Estados Unidos e da Europa, em vez de servir de instrumento de sedução para os próprios museus e institutos culturais do continente. Poder suave, termo cunhado pelo cientista político norte-americano Joseph Nye no final da Guerra Fria, nos anos 1990, é a habilidade de seduzir povos e culturas por meio de ideologias, arte, religião, ciência, esporte e diplomacia. Recentemente, um movimento mundial, cujo epicentro são os países africanos, tem pressionado pela devolução destes artefatos culturais às nações de origem. Existe algum argumento para que estas obras continuem nos países que, muitas vezes, os adquiriram de forma ilícita? Este artigo pretende discutir como este movimento de devolução das obras de arte se tornou fundamental para o futuro do poder suave cultural africano.

PALAVRAS-CHAVE: poder suave; arte africana; cultura africana

ABSTRACT: Africa is the crib of humanity and continent that produced thousands of works of arts that, today, are admired by the whole world and sold to museums and in auctions for millions of dollars. Historically, African art strengthen the soft power of cultural institutions in the United States and in Europe, instead of being an instrument of seduction for the continent's own museums and cultural institutions. Soft power, term coined by the American political scientist Joseph Nye at the end of the Cold War, in the 1990's, is the ability to seduce people and cultures by ideology, art, religion, science, sport and diplomacy. Recently, a worldwide movement, whose epicenter are the African countries, are pushing for the return of those cultural artifacts to their nations of origins. Is there still any argument for those works of art to remain in countries that, most of the time, bought them illicitly? This article aims to discuss how this art devolution movement became fundamental for the future of African soft power.

KEYWORDS: soft power; African art; African culture

Não há poder suave (*soft power*) mais eficiente do que arte milenar. A passagem dos séculos fez dela objeto altamente pesquisado, analisado por livros, referência em filmes e admirado por colecionadores privados, museus e populações das mais diferentes culturas e contextos. Poder suave (*soft power*), a habilidade de seduzir, em vez de coagir, traz lucros na forma de turismo, diplomacia, políticas e modela as preferências de civilizações nos âmbitos dos valores morais, sendo a arte e o entretenimento duas de suas ferramentas mais eficientes.

A África, berço da humanidade, é o lugar de milhões de artefatos milenares que são admirados pelo mundo todo e ambicionados por museus e colecionadores particulares. Mas o continente geralmente não é aquele que lucra com seu próprio poder suave, com obras de arte roubadas e vendidas para o exterior durante séculos, deixando os museus e galerias africanas com pouco ou, às vezes, nenhum poder suave para seduzir outras nações e gerar dividendos internos.

Mas um movimento crescente está

tentando reverter séculos desta via de uma só mão como destino da arte milenar africana. Em janeiro passado, um sarcófago de madeira, à mostra no [Museu de Ciências Naturais de Houston](#) (EUA), retornou ao Egito depois que especialistas norte-americanos determinaram que havia sido saqueado anos atrás. Esta é apenas uma das 5300 peças que Cairo conseguiu de volta do mundo todo desde 2021. “Cabeça de Rei” ou “Oba”, datada de 1700, fazia parte do [Museu da Escola de Design de Rhode Island](#) (EUA) por mais de 70 anos e foi devolvida para a Nigéria, junto com outras 31 obras de arte. Ainda nos EUA, o [Museu Nacional de Arte Africana do Smithsonian](#) retornou 29 peças de bronze para a Nigéria em outubro, roubadas no famoso saque feito por britânicos em 1897.

Em novembro passado, o [Museu Horniman](#), de Londres, devolveu seis artefatos saqueados por tropas britânicas 125 anos atrás do reino de Benin, hoje Nigéria, incluindo placas de bronze do século 16 saqueadas do palácio real em 1897, quando forças britânicas saquearam e, depois, queimaram o reino. A devolução põe pressão no



Fig. 2: Cabeça cerimonial de um rei. Foto: Franko Khoury. Museu Nacional de Arte Africana, Instituto Smithsonian.

Museu Britânico para devolver mais de 900 objetos, a maior coleção de arte milenar africana do mundo. O Museu Britânico argumenta que não é obrigado a devolver as obras por conta da Lei

do Museu Britânico de 1963 e da Lei do Patrimônio de 1983. A Alemanha, no entanto, fez um acordo com a Nigéria em 2022 para retornar [1100 placas de metal e esculturas](#) do Palácio Real do Reino de Benin, a maioria tomadas pelas forças britânicas e vendidas para 20 museus alemães. O país também vai devolver a figura conhecida como Ngonnso para o Reino de Nso, no noroeste dos Camarões, roubadas por um oficial europeu e doada para o Museu Etnológico de Berlim em 1903. A obra levantou uma iniciativa civil que ficou conhecida como “Tragam de volta Ngonnso”, com moradores locais dizendo que sofriam infortúnios desde que a estátua foi roubada.

Leis nacionais valem algo para impedir que países devolvam obras de arte saqueadas ou roubadas para suas terras natais? Provavelmente não, uma vez que turistas e comunidades internacionais estão crescentemente rejeitando a ideia de que museus de países desenvolvidos ainda possam tirar lucros da arte saqueada de outros povos e nações. Isso significa que, quanto mais os museus mantenham estas obras em seus acervos, menos se

tornam atraentes como ferramentas de poder suaves para os próprios museus. Em vez de seduzir visitantes, poderá até afastá-los.

Algumas estimativas afirmam que [meio milhão de artefatos culturais](#) originados da África estão localizados na Europa, a maioria delas saqueadas durante séculos, fazendo com que países como a Bélgica revissem todas as suas aquisições da era colonial da República Democrática do Congo. Mas como diz Bénédicte Savoy em seu livro, *Africa's Struggle for Its Art: History of a Postcolonial Defeat* (*A luta da África por sua arte: história de uma derrota pós-colonial*, em tradução livre), o movimento começou nos anos 1960, quando muitas nações africanas declararam independência, mas falhou nos anos 1980, quando museus europeus enterraram as demandas do continente, apesar dos apelos de autoridades, como o Diretor-Geral da Unesco, Ahmadou-Mahtar M'Bow, em 1978, afirmando que “tudo que foi tirado (...) é testemunha de uma cultura e uma nação cujo espírito eles perpetuam e renovam”.

A resistência em devolver a arte milenar

africana pode causar danos além das paredes dos museus europeus. No seu livro, Savoy lembra que, durante a Guerra Fria, alguns países europeus eram receptivos quanto à restituição, já que haviam grandes esforços do poder duro (*hard power*) político e o poder suave diplomático de manter relações com os países africanos recém independentes. No século 21, estes esforços talvez sejam ainda mais necessários, já que a Europa e os EUA tentam fortalecer seus laços comerciais e políticos com os países africanos, como forma de opor ao aumento da influência da China no continente. Em 2019, o presidente francês [Emmanuel Macron](#) anunciou a devolução de 26 esculturas e outros artefatos para a República de Benin, no oeste da África, antiga colônia francesa. Mais tarde, no entanto, a opinião pública e a imprensa francesas argumentaram que isso talvez não fosse o suficiente, com muitos outros artefatos esperando para irem para casa, em museus como o Louvre.

Existe algum argumento válido para os museus europeus não retornarem a arte milenar africana



Fig. 3: Objetos entregues ao professor Abba Tijani, diretor geral da Comissão Nacional para Museus e Monumentos da Nigéria. Foto: Christian Sinibaldi. The Guardian.

para seus locais de origem? Além do fato da diminuição da coleção do patrimônio cultural dos museus, alguns argumentam que os museus europeus são mais seguros que os países instáveis africanos e que possuem melhores condições de armazenamento para obras de arte. Mas como o historiador

de arte nigeriano, [Chika Okeke-Agulu](#) disse certa vez, é a mesma retórica de um ladrão demandando a construção de um lugar seguro antes de devolver uma BMW roubada.

Os argumentos para devolver a arte milenar africana, no entanto, não são apenas retóricas. Primeiro,

novos museus na África podem reforçar os esforços nacionais para trazer seus artefatos para casa e aumentar o poder suave do país, ao atrair mais turistas e receitas. Após uma série de atrasos, o Egito finalmente vai inaugurar o [Grande Museu Egípcio](#) no Cairo, cobrindo 50 hectares e abrigando mais de 100.000 obras, incluindo artefatos da tumba de Tutancâmon. Segundo, devolver estas obras traz celebrações e aumenta a autoestima das nações. Quando a França devolveu as estátuas Dahomey para o Benin, [uma passeata atraiu milhares de pessoas](#) para ver as esculturas numa exibição gratuita no palácio presidencial de Cotonou. Terceiro, mas não por último, a arte milenar africana de volta aos seus locais de origem traz mais investimentos à vida cultural destes países. A cidade de Benin, na Nigéria, está substituindo seu hospital em ruínas por um [novo complexo de museus](#) para abrigar a arte repatriada vinda do Ocidente, na esperança de que o novo museu vai elevar a cidade de Benin como um destino global, com novos hotéis e negócios ao redor da atração cultural.

Se este movimento continuar crescendo, será que veremos artefatos culturais como o busto de Nefertiti (1345 A.C.), hoje no museu Neus de Berlim, e a Pedra de Roseta (196 A.C.), hoje no Museu Britânico, retornarem para casa? Não sabemos ainda. Mas o momento da arte milenar africana se tornar um poder suave africano definitivamente chegou.

FRANTHIESCO BALLERINI

Escritor, jornalista e doutor em processos socioculturais pela Universidade Metodista de São Paulo. É autor dos livros ‘Cinema Brasileiro no Século 21’ (2012), ‘Jornalismo Cultural no Século 21’ (2015), ‘Poder Suave - Soft Power’ (2017), finalista do 60º Prêmio Jabuti, e ‘História do Cinema Mundial’ (2020).